



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE BELAS ARTES
Departamento do curso de Pintura

MARIA I. V. PAGANELLI

PRECIOSIDADES - MEMÓRIAS PICTÓRICAS DA BOEMIA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Rio de Janeiro
2020

CIP - Catalogação na Publicação

P128p Paganelli, Maria Iyda Vieira
Preciosidades - Memórias Pictóricas da Boemia /
Maria Iyda Vieira Paganelli. -- Rio de Janeiro,
2020.
47 f.

Orientador: Pedro Meyer Barreto.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de
Belas Artes, Bacharel em Pintura, 2020.

1. Pintura. 2. Boemia. 3. Memória afetiva. 4.
Processos. 5. Experiência. I. Meyer Barreto, Pedro,
orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

Prof. Dr. Pedro Meyer Barreto

Prof. Dr. Júlio Sekiguchi

Bela. Marcela Cantuária

PRECIOSIDADES - MEMÓRIAS PICTÓRICAS DA BOEMIA

Maria I. V. Paganelli

Julho de 2020

Orientador: Pedro Meyer Barreto

Curso: Pintura, Escola de Belas Artes

Resumo: O trabalho expõe pensamentos plásticos, estéticos e teóricos concebidos através da série de obras que compõem as *Preciosidades*. Abordagens como escolhas pictóricas, o ritual como processo artístico e o papel da artista presente em atos políticos e posicionamentos estéticos.

Os escritos também buscam promover o reconhecimento de temas abordados na série, que comumente são desvalorizados na sociedade.

Palavras-chave: Pintura, boemia, memória afetiva, processos, experiência.

Índice

1. Dedicatória
2. Introdução
3. Um olhar ativo à boemia
4. Os momentos e a memória
5. Cenas de um lugar imaginado
6. A saideira
7. Referências
8. Anexos

1. Dedicatória

Destes escritos que aqui seguem, dedico aos meus amigos, todos eles, sem exceção. Aos encontros, conversas e relações que tive e tenho permeada de amizades antigas, novas, com jovens e coroas, amizades de bar ou mesmo do lar. Sou muito grata a todas essas pessoas, porque ubuntu. Sou o que sou, porque nós somos.

Agora cito o meu avô, que por uma coincidência temática interessante, se chama Jesus. Ao brindar, não declama a tradicional “saúde!” sempre lembra que pela saúde, os médicos e hospitais já estão fazendo sua parte, então, nada mais justo que brindar àquela amizade ali presente, que só depende dos envolvidos.

Um brinde às amizades!

2. Introdução

A série de trabalhos que compõem as *Preciosidades* [In: p. 25, 29 e Anexo A] começou como fruto de um sentimento de afeto pelos momentos que experiencio, me relaciono e que me fascinam de um modo geral. São reflexões e modos de ver o mundo, crenças que compartilho através das artes plásticas. São pensamentos plástico-empíricos. “Plástico” por conta da matéria e “empírico” pelo alto teor de experiências orgânicas e humanas aqui contidas.

São retratos de memórias afetivas, momentos especiais passados nas madrugadas boêmias. Meu interesse é captar e expor as sensações experienciadas, junto a compartilhar a percepção que tenho, dessas passagens de celebração sendo diamantes da vida.

As *Preciosidades* são múltiplas e inesgotáveis, este trabalho escrito se dá como um ensaio poético em que eu disserto sobre o meu processo criativo e de produção, nesta série. Passeio por escolhas pictóricas, rituais como processo artístico, além de apresentar uma visão de mundo qual assume o papel de artista presente em atos políticos e posicionamentos estéticos.

3. Um olhar ativo à boemia

A poesia está guardada nas palavras - é tudo que eu sei.
Meu fado é o de não saber quase tudo.
Sobre o nada eu tenho profundidades.
Não tenho conexões com a realidade.
Poderoso para mim não é aquele que descobre ouro.
Para mim poderoso é aquele que descobre as insignificâncias (do mundo e as nossas).
Por essa pequena sentença me elogiaram de imbecil.
Fiquei emocionado.
Sou fraco para elogios.
(BARROS, 2001)

A série das *Preciosidades* se trata disso, das grandezas que têm o ínfimo. Sobre o sagrado que existe nas passagens boêmias da vida. O que é sagrado é muito mais sobre a intenção e posturas subjetivas que acompanham as ações, do que a própria ação em si. Tudo pode ser sagrado ou profano dependendo do olhar entregue.

Em “O sagrado e o profano”, livro de Mircea Eliade, entende-se um pouco melhor o que seriam estes dois termos antônimos entre si. Do profano, o que não é sagrado: a vida natural sem vínculos e totalmente dessacralizada. Já o sagrado manifesta-se sempre como uma realidade inteiramente diferente das realidades tidas como naturais.

Pode ser observado somente com o olhar atento e ativo, que vê além do que se apresenta, pode estar em tudo, não pelo simples objeto, mas pelas possíveis hierofanias que tudo pode ter. Uma pedra, por exemplo, pode ser sagrada pelo que ela faz ver, não pela simples existência do objeto inanimado, mas quando, através do olhar do *homo religiosus* é possível expandir seu signo de pedra. Para ele, existe apenas o que é sagrado. Quando isso acontece há uma relação de realidade absoluta que se opõe à não-realidade absoluta.

[...] Manifestando o sagrado, um objeto qualquer torna-se *outra coisa* e, contudo, continua a ser *ele mesmo*, porque continua a participar do meio cósmico envolvente. Uma pedra *sagrada* nem por isso é menos uma *pedra*; aparentemente (para sermos mais exatos, de um ponto de vista profano) nada a distingue de todas as demais pedras. Para aqueles a cujos olhos uma pedra se revela sagrada, sua realidade imediatamente transmuda-se numa realidade sobrenatural. Em outras palavras, para aqueles que têm

uma experiência religiosa, toda a Natureza é suscetível de revelar-se como sacralidade cósmica. O Cosmos, na sua totalidade, pode tornar-se uma hierofania.”
(ELIADE, 1992, p.13)

Assim como a pedra que serviu de exemplo, a iconografia dentro do tema das *Preciosidades* é exposta com este mesmo olhar ativo, que santifica a realidade em questão tornando valioso e, portanto, sagrado, um ambiente boêmio tantas vezes visto como um espaço profano.

Há então uma ligação, ou melhor, um *Religare*, um cordão umbilical entre a realidade natural e uma realidade sagrada, pura. E nada melhor do que a arte para ressignificar iconografias, trazendo novos olhares sobre um tema tantas vezes abordado na história da arte, a boemia.

A boemia está no imaginário do público geral associada aos símbolos da noite; da madrugada; à bebidas alcoólicas, drogas; descontração; encontros entre amigos ou desconhecidos; flertes; situações inusitadas; música; dança; diversão; celebrações; num cenário de estabelecimentos como bares, restaurantes, casas de shows, ou mesmo prostíbulos.

A referência original do termo “boêmio”, vinculado a um estilo de vida, deriva dos franceses, que assim nomeavam os ciganos vindos da Boêmia, região atual da República Tcheca.

A analogia começou com o escritor francês Henri Murger, que escreveu o livro “Os bebedores de água”. Na obra, ele descreve seus personagens, artistas marginais da cidade de Paris, como sujeitos boêmios por conta dos vários deslocamentos que faziam, uma alusão ao povo cigano.

A partir disso, o termo “boêmio” passou a ser usado como sinônimo do estilo de vida pouco convencional ao da burguesia conservadora. Cresceu no imaginário geral a figura do artista-boêmio: pouco reconhecido e valorizado, transgressor, não tem interesse em fama ou dinheiro, uma pessoa culta que não frequenta os espaços acadêmicos tradicionais.

Esta figura é associada a um estilo de vida marginal aos modelos tradicionais da moralidade, pois o boêmio reivindica (mesmo que inconscientemente) a liberdade como valor e se afasta das regras sociais estabelecidas, sendo visto frequentemente

em uma visão pejorativa. Entendemos então, porque na maioria das vezes a boemia é relacionada ao profano.

Apesar disso, muitas atividades semelhantes às praticadas na boemia eram vividas por outras sociedades em diferentes tempos, que configuraram um valor diferente às experiências em questão. É o caso da Grécia antiga, como mostra o site *JAFET Numística*¹, aquela sociedade incluía em sua cultura várias celebrações, ao longo do ano, fartas de vinho. Das festividades mais famosas, estão as festas dionisíacas e os bacanais, celebrações em homenagem a Dionísio (conhecido como Baco pelos romanos), deus da desordem, do vinho, dos excessos, da loucura e do teatro. Eram festas em celebração à entrada da primavera, duravam três dias, tinham um aspecto religioso e transgressor através de mudanças de papéis sociais em brincadeiras teatrais. Além disso, relações sexuais abertas eram consideradas normais. Originalmente os encontros eram feitos secretamente e somente por mulheres, com o tempo é que passaram a ser públicos, religiosos e com representações teatrais. Porém, em dado momento, eles passam a ser mal vistos, pois as festividades começaram a se transformar em orgias noturnas cada vez mais frequentes, perdendo o sentido inicial. Assim, desagradaram o controle de estado da época, pois os bacanais foram proibidos por volta de 186 a.C com o argumento do rito levar a muitas extravagâncias e desordens sociais.

Apesar disso, conseguimos perceber sua transmutação ao longo da história ao identificar o carnaval como descendente do bacanal, voltando a ser considerado parte da cultura de inúmeras sociedades. O ponto é que as proibições sobre uma determinada prática dizem muito mais sobre quem a proíbe do que o que está sendo proibido.

Daí podemos compreender que quem escreve a história (a burguesia de cada contexto econômico-político-social) define o padrão de moralidade, o que é proibido a certo contexto.

Vemos no século XXI muitos conceitos mudando e trazendo um novo julgamento da moralidade. Atualmente a boemia já é muito mais bem aceita, pois já se fundiu à indústria cultural, possuindo seu papel na roda que mantém as estruturas

¹ <https://jafetnumistica.com.br/festa-em-homenagem-baco-carnaval/> (Acessado em 13 de fevereiro de 2020).

econômicas ativas. Mesmo tendo exemplos de outros assuntos que permaneceram à parte da moralidade e dos bons costumes, acredito que a boemia conseguiu um lugar mais aceito por conta de uma crescente valorização à liberdade, à expressão individual e às conquistas da grande diversidade de corpos (que não só o homem-hétero-cis-branco). Por mais que ainda possa ser divergente este vínculo, consigo trazer o estilo de vida em questão valorizado em pinturas, em retratos que dignificam os momentos das noites boêmias.

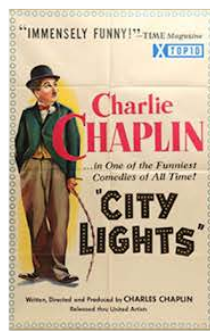
Artistas de diferentes épocas trabalharam, e ainda o fazem, com o mesmo tema, cada um à sua maneira. É possível, então, pela diversidade de olhares, contemplar o que circunda este assunto pelas criações e entendimentos de mundo de cada um. Vemos isto através das artes plásticas, da música, da dança, da escrita, do cinema e do teatro, sendo um vasto campo temático e até didático ao podermos analisar diversos contextos temporais, espaciais, políticos e sociais em que foram produzidos.

Uma figura lembrada facilmente é Toulouse-Lautrec, pintando com ar festivo as noites do Moulin Rouge; assim como Van Gogh, com as pinturas *Café Terrace* e *Café Noturno*, onde Gauguin também retrata o mesmo recinto na pintura *Café em Arles...*

Artistas contemporâneos já trazem obras mais despojadas e profanas junto a outras narrativas relacionadas ao cenário boêmio, como é o caso de Daniel Lannes, Mark Tennant, Joana Uchôa e Aleta Valente com a conta do *Instagram* @ex_miss_febem3.

Fora do circuito das artes plásticas, temos Charles Chaplin em *Luzes da Cidade* (1931) que mostra de uma maneira cômica a figura do vagabundo boêmio da época, apesar de atrapalhado, fora do comportamento tradicional, tem um enorme coração. Temos associado ao mesmo território boêmio, com a malandragem da gema do Rio de Janeiro, o cantor e compositor Bezerra da Silva. E outre carioca icônico² é João Francisco dos Santos, mais conhecido como Madame Satã, figura emblemática pelo seu esplendor junto a uma violência inata, que explica muito o que era a Lapa na primeira metade do século XX. (Imagem 1)

² Apresentando-se a dúvida a respeito da identificação de gênero mais apropriada, é válido trazer aspectos vivos da língua, referir-se a Madame Satã flexionando o pronome e o adjetivo de forma neutra (“outre” e “icônico”). Conduta popularmente exercida pela comunidade LGBTQI+.



1. Mapa visual com as referências citadas

Para o homem das sociedades pré-modernas (precedentes à revolução industrial), o sagrado também significava poder, pois a maior afinidade com Deus é dada ao indivíduo: a de criar um mundo. Temos aqui o corpo humano como estrutura para a criação de mundos e realidades, e não uma máquina que cria sem pensar. A partir do momento em que ele é compreendido como uma estrutura que cria, a estrutura pensante se replica em toda a relação com seus afetos, fornecendo características suas aos territórios criados a partir dessa relação.

Além de pintora sou cantora-compositora. Freqüente espaços boêmios por diversão e também através do vínculo profissional ligado à música. Dessa forma, experiencio uma conexão mais familiar com o ambiente boêmio. Uma relação em que a rua é o quintal de casa, que existe uma proximidade com os estabelecimentos, seus funcionários, o público e a dinâmica que acontece ali. Dado isso, podemos entender que as *Preciosidades* são obras que funcionam como um mapa de afetos. É o território onde exponho um mundo criado não só por mim, mas também pelo imaginário de quem pode me relatar uma memória deste mundo para eu transformar em pintura. Ou seja, todas as pessoas que já me cederam relatos afetivos das madrugadas boêmias e as muitas que ainda podem fazê-lo.

A visualização de ideias como territórios vem de Suely Rolnik, que apresenta este olhar ao longo do livro *Cartografia Sentimental*, e explica:

Para os geógrafos, a cartografia - diferentemente do mapa: representação de um todo estático - é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem. Paisagens psicossociais também são cartografáveis. A cartografia, nesse caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos - sua perda de sentido - e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos.

(ROLNIK, 2006, p.23)

Mesmo que nem todos os artistas antes citados criem territórios conscientemente, todos juntam o ato estético às suas criações, trazem consigo uma ideia de mundo,

bem como suas criações de mundos próprios. Formam pensamento-territórios a todo momento.

É uma ótima proposição a de enxergar obras de arte como uma gigantesca potência de pensamentos que estão aí com a capacidade de nos ensinar sobre assuntos dos mais diversos, a nos trazer questionamentos, dos mais diversos também. Arte é *cosa mentale* (VINCI, 1817).

A busca por sacralizar um momento boêmio ao trazê-lo como obra de arte e objeto de pesquisa, através do trabalho de conclusão de uma graduação, é exatamente a vontade de promover o respeito diante de temas desvalorizados e desvirtuados da sua grande importância que tem numa sociedade.

É interessantíssimo ver outros artistas fazendo o mesmo movimento de trazer respeito às nossas falas, enquanto artistas. Trazendo como referência, entendo como uma obra de arte a instituição surgida há poucos anos atrás, a Igreja do Reino da Arte. Fundada por Maxwell Alexandre, Edu de Barros e Raoni Azevedo, agora já possui muitos fiéis-artistas que fomentam a instituição. A Igreja traz a arte como religião, não só por meio dos rituais, peregrinações e toda a prática religiosa observada de outros cultos e readaptada ao universo artístico, quanto também pelo enorme respeito à Santíssima Arte. Apesar disso ela não perde o seu aspecto crítico à estrutura estatal brasileira (ou mesmo mundial) que protege a igreja católica, procurando obter os mesmos privilégios por ser uma estrutura séria que merece tanto respeito quanto a católica.

Raoni Azevedo, artista plástico e co-fundador dessa nova Igreja, explica em uma entrevista com a revista *Trip* que ali não é um espaço viciado comum, nem da igreja, nem da arte. Quando o nome “Igreja do Reino da Arte” é exposto, é muito interessante para ambos os lados, porque questiona ao mesmo tempo a arte assumir um pertencimento à esfera elitista e a igreja acessar o popular muito facilmente. Associando as duas diretamente é possível atingir questionamentos aos dois nichos por seus paralelos e diferenças.

Dentro da mesma entrevista, Edu de Barros apresenta a pintura como um entorpecente natural. Ao pintar, é comum enxergar, num simples passeio pelas ruas, o mundo com muito mais detalhes. Não só na esfera visual, mas em seus diferentes

campos de expressão a arte é sagrada. Ela funciona como uma hierofania, como um portal, o que faz ver além do visível.

A arte-força-potente-latente é como Deus. Todo esse reino revela a vida própria que os trabalhos artísticos podem ter, que fascina tanto quanto um ser vivo e assume suas próprias relações com o mundo, muito além do que o artista pode controlar.

4. Os momentos e a memória

Idealizei este projeto, a série das *Preciosidades*, no ano de 2018. A admiração ao ambiente boêmio, às trocas, aos encontros e novas amizades que só acontecem em determinadas condições temporais e sociais, porém, era algo que já existia há muito tempo como não simplesmente um carinho, mas um respeito muito grande ao cenário malandro que frequento. Pode até soar contraditório haver respeito à figura que rompe limites morais, mas é exatamente aí que existem as relações mais verdadeiras. Existe na figura do malandro uma dignidade que não se faz por meio dos padrões pré-estabelecidos da sociedade, mas pelo código da palavra de honra.

Desde que penso em tramar alguns quadros em homenagem aos momentos preciosos, venho observando mais atentamente como se dão as *Preciosidades*. Observo alegria na descontração boêmia, uma celebração relaxada e festiva, ativa, aberta e sensível aos acontecimentos. Então, quando fazemos o exercício de lembrar de algum dia especial neste recorte temporal, vem a tona uma memória cheia de retalhos, o final da noite vem antes do início, o meio aparece em frases de piadas, amizades efêmeras, bebidas e tombos bêbados, amigos, danças, beijos, música, tumulto, comida, etc... Vem muita coisa! E todas são captadas pelos cinco sentidos (ou seriam seis com a intuição?). Enfim, é bem sensorial o ato de acesso às memórias, e ao lembrá-las, um sorriso se estampa no rosto, nos transportamos. De onde quer que estejamos para onde quer que tenhamos sido levados, parece que por um instante acessamos presencialmente aquela memória.

Quando comecei esta série, fui caminhando por lembranças minhas, mas acabava esbarrando em pensar sobre a veracidade daqueles acontecimentos por serem minhas recordações interpretadas por mim mesma. Percebi que esse isolamento, numa singularidade ensimesmada, não condizia com a proposta e o tema: encontros e afetos pelos devires da madrugada. Existia aí também uma outra problemática, pois ao procurar novas referências de momentos a serem retratados, eu não

conseguia estar no lugar do *flâneur*³, que experiencia a cidade sem grandes pretensões, dando abertura para os momentos preciosos surgirem com uma fluidez característica dos mesmos. Eu acabava endurecendo aquela memória afetiva, de forma que não era de fato um momento especial para mim.

Além disso, era um trabalho complexo e desconfortável para além das questões pictóricas: tanto por hierarquizar memórias afetivas tentando medir o “grau de afetividade” e escalar “as melhores” para a série de pinturas, quanto por surgirem dúvidas sobre estar retratando bem aqueles momentos. Fazer os quadros a partir das minhas próprias experiências trouxe uma problematização representativa e não pictórica, qual eu estava querendo encontrar e focar.

Depois de quatro obras já feitas, recebi uma encomenda que pude continuar neste mesmo tema que já vinha trabalhando, seria mais uma preciosidade. Agora, ao invés da pequena dimensão que tinham os primeiros quadros, ela assumiria o tamanho de 165 x 100 cms.

Seria interessante trazer a pintura encomendada para dentro da série tanto por uma questão prática de poder aproveitar melhor o tempo de pintura com esta pesquisa, e também porque percebi que o meu cliente se identificava com o tema, com a boemia, com a música, com a farra... Felizmente ele topou e ficou animado com a proposta. Nesse instante vi que algo estava mudando no trabalho, entendi que ele estava se expandindo, e após esse quadro, eu comecei a produzir somente a partir de referências de outras pessoas. Assim já seria resolvido um grande problema com um belo caminho-solução, pois ao retratar noites quais eu não estive, a partir do relato de outrem, eu estaria mais distante do momento em questão. Me retirar do âmbito pessoal e aumentar minha posição artística é focar direto no canal afetivo da experiência relatada, pois os participantes já relatam o recorte precioso pelo qual escolheram tal noite, o resto fica oculto a mim.

Pude me concentrar mais nos processos, no desenho e na pintura em si: faturas, empastamentos, gestos, tamanhos, quantidade de quadros (sendo eles polípticos ou não), a preparação do suporte, etc...

³ “Flâneur” vem de “flânerie”, ato de passear, vagar por aí. É um termo francês vinculado à ideia de um malandro, um explorador urbano. Foi bastante utilizado por Baudelaire e por Walter Benjamin no estudo do homem moderno em sua perda de função com a Revolução Industrial.

Seria interessante trazer a ideia coletiva sobre a valorização desses momentos a partir de singularidades passadas na visão desse público. As memórias e os acontecimentos que me são contados são distintos. Os fatos, as histórias, os personagens, as músicas e outros elementos mudam nas diferentes cenas retratadas, porém o que venho captando nos trabalhos é exatamente o que permeia todas elas, é essa ideia coletiva qual me refiro, este mundo criado.

Trago a representação apropriada (os personagens, o cenário, o enredo das memórias e as sensações) e trato aqueles simbolismos todos com escolhas pictóricas, a fim de que transpareça a mesma energia na pintura.

Outro aspecto interessante de trazer participantes ao trabalho é a esfera relacional que é engendrada com essa prática, adentrando mais ainda no que diz respeito à categoria de “Arte x vida”, para além de uma simples representação gráfica da boemia urbana.

Os trabalhos relacionais podem ter diferentes viés a fim de expor e/ou criar, situações específicas. Eles podem ser relacionais pelo ato direto de se relacionar com pessoas e este ser o trabalho em si, e/ou a relação pode ser parte do processo do trabalho. É o caso de *Cuide de você*⁴, de Sophie Calle. Esta obra é um conjunto de respostas de diversas mulheres à carta de rompimento que a artista recebeu de seu ex-companheiro.

Já na performance de Marina Abramovic, *Ritmo 0*⁵, o trabalho relacional se mostra devido à artista expor um espaço que evidencia comportamentos humanos. Na obra ela se expõe ao público como um objeto disposto a qualquer interação, chegando a dinâmicas extremas. Este contato, apesar de ter uma escala pessoal, é uma escala mais ampla do que o “um a um”, tanto pela “ausência” de alma por parte da artista, quanto por um público grande arquitetando as ações⁶. Apesar disso, trabalhos

⁴ “Cuide de você” (Prenez Soins de Vous) é um trabalho de Sophie Calle em que a artista reúne 107 respostas de mulheres à carta de rompimento recebida do escritor Grégoire Bouillier, como resposta a mesma.

⁵ “Ritmo 0” (Rhythm 0), performance de Marina Abramovic, no Estúdio Morra, Nápoles (Itália). A performance consistia em deixar o público escolher como interagir com a artista numa sala com 72 objetos disponíveis, além de uma ficha técnica com instruções:

“Há 72 objetos na mesa, que podem ser usados em mim como desejado. Performance. Eu sou o objeto. Durante esse período, eu assumo total responsabilidade. Duração: 6 horas (20h - 2h)”

⁶ “[...] Houve uma briga entre os presentes. Parte deles se opunha aos que brincavam com a arma [...]”, Aline Pascholati, artista plástica e historiadora da arte, quando descreve a performance de Marina Abramovic, “Ritmo 0”.

relacionais podem atuar em inúmeras esferas, desde grandes massas até uma relação pessoal, íntima.

Nesta esfera íntima, está o trabalho de Anna da Costa e Silva, *Éter*⁷, na qual a artista se propõe a estar presente com o participante na hora de dormir gravando uma conversa no estágio pré-onírico.

Há também uma dimensão relacional mais mercadológica, em que o trabalho esbarra em pilares de status e em questões de valorização da imagem pessoal. Desta maneira, o viés relacional do trabalho pode não ser percebido tão facilmente à primeira vista. É o caso de Andy Warhol trabalhando a *pop art* com retratos de celebridades e também seus autorretratos. À medida em que seus trabalhos atingem grandes massas com uma estética de fácil consumo, Warhol torna-se gradualmente uma celebridade tendo seu rosto “consumido” assim como os de outros famosos neste conjunto de retratos fabricados pelo artista.

Vemos então que a dimensão relacional estabelece contato com novos conteúdos intelectuais, experiências e sensações. Ele possibilita significar e ressignificar ideias de um jeito que só através da interação é possível fazê-lo. Além disso, coexiste o potencial de inserção, ou somente uma proximidade, a um nicho específico desejado, seja um circuito de arte ou público em questão.

Estes são apenas alguns exemplos de obras que adentram na esfera relacional. Como as pessoas são fontes inesgotáveis de mundos internos e conteúdos inimagináveis, há imensas possibilidades ao trabalhar com este campo-ferramenta. Através deste estudo pude entender que a série das *Preciosidades* trabalha tanto com uma relação íntima de relatos de experiências pessoais quanto uma ideia coletiva de boemia celebrativa.

A partir do momento em que decidi desviar a coleta de referências, o processo mudou. Agora peço para que os participantes resgatem da memória um dia especial dentro do recorte boêmio, noturno, num ambiente mais público que privado (devido à ligação com a cidade). Instigando-os a lembrar qual foi o evento, onde, quando, quem estava, o que estavam bebendo, comendo, sentindo, pensando, o que estava tocando e tudo o que possam me contar da recordação. Afinal, foram os sentidos

⁷ “Éter”, ação / instalação sonora de Anna Costa e Silva. Presente em exposições em São Paulo (2015 e 2018); Rio de Janeiro (2017); Vilnius, Lituânia (2017) e Veneza, Itália (2018).

que puderam proporcionar o seu envolvimento com aquela noite, através do corpo vibrátil⁸, então por ele mesmo que seriam resgatados os momentos.

O processo de ouvir experiências afetivas de outras pessoas é muito prazeroso, é uma história que vai sendo contada e simultaneamente visualizada. Criamos os personagens relatados, o cenário e todo o enredo das cenas.

No início, eu ainda não havia parado para refletir sobre como o participante me entregaria a memória. Num primeiro momento eram enviadas por mensagens escritas ou por áudios, seguidos de outras mídias e rastros daquela noite. Com o decorrer da série, achei interessante mudar este processo a fim de existir um ritual de atenção àquela fala, pois as vozes expõem o corpo ativo que revive situações específicas, enquanto descrevem os acontecimentos.

Atualmente estou recolhendo os relatos em um encontro com o participante em algum bar, depois de conversar um pouco, pedir alguma bebida, tirar dúvidas, enfim ponho o meu celular para gravar o relato.

Após o ritual, me utilizo de uma pesquisa empírica acerca do recorte específico do vínculo afetivo para poder criar imagens unidas. “O outro”, no meu caso, não está tão distante assim. É uma pesquisa empírica exatamente porque adentra no que é comum à mim e ao participante. Uma forma de estratégia para acessar a ideia coletiva acerca desta áurea boêmia.

A empatia aqui é essencial para reconhecer os momentos preciosos de outrem, pois quero retratar na tela com a mesma intenção do que é relatado à mim.

⁸ “Corpo-vibrátil”, conceito de corpo sensível, corpo que se sensibiliza através das experiências. Suely Rolnik, em “Cartografia sentimental”.



2. Detalhe do quadro "Sambachaça" | 2019

Vimos no capítulo anterior que a todo momento em que criamos imagens expressivas geramos um juízo de valor, aumentamos, diminuímos ou neutralizamos a importância dos ícones e simbolismos ali contidos. Com as narrativas que são geradas na investigação das memórias afetivas, aparecem também muitas oportunidades de ressaltar posicionamentos através da pintura: desde correr atrás da pluralidade de vozes na rede de relatos, até mesmo ressaltar presenças e suas devidas ações representadas nas pinturas. No quadro “Sambachaça”, por exemplo, trago uma roda de samba com mulheres ritmando o som da cena, ocupando um espaço musical que ainda é muito pouco dividido entre os gêneros. E também, estas mulheres sendo corpos femininos no quadro, não mais como “musas inspiradoras”, erotizadas ao longo da história da arte, pois é necessário diversificar e aprofundar a imagem das mulheres para sermos enxergadas por inteiro, algo para além de meras modelos bonitas.

As Guerrilla Girls, coletivo artístico da década de 80, fizeram inúmeros trabalhos expondo as estatísticas cruéis a respeito da expressão feminina no decorrer da história da arte e em circuitos artísticos. Podemos enxergar em seus trabalhos (e também encarando a realidade) que grande parte das representações femininas na produção artística de todos os tempos é dada como objeto de prazer ou beleza servente. Observando isso, procuro explorar nas minhas pinturas a figura feminina que desfruta dos mesmos prazeres que os homens nessa boemia, retrato um dos empoderamentos que tivemos ao longo dos séculos, mulheres com seus próprios gostos culturais para além da figura que acompanha ou é acompanhada.

Quero mostrar a celebração na ocupação dos lugares boêmios, nestes lugares de desfrute urbano. Além de mulheres, procuro evidenciar a presença de todes nós ali, de toda a pluralidade que pode e deve ser feliz também nesses espaços.

Acredito que é necessária a militância sempre presente no que criamos e nas relações que estabelecemos com o mundo, de forma em que o pensamento e a representação existente nas formas e simbolismos levem em consideração nossas crenças e lutas políticas.

O século XXI trouxe consigo uma série de questionamentos sobre representatividade, lugar de fala e lugares de atuação. Se faz necessária a fala sobre isso, porque muitas das nossas identificações com certos ambientes ou

funções, são estimulados pelo nosso entorno: o que somos ensinados a ver, a identificar e reconhecer. A arte é um ótimo lugar para abordar questões preciosas, ressaltando o valor que as coisas têm e que queremos que tenham, ressaltando presenças, ressaltando formas e cores que serão, sim, representadas no meio mais valorizado da arte que é a pintura, ainda mais à óleo, de forma a envernizar todas essas crenças.

E ainda sobre crenças, acredito que mais do que um resultado final, o processo seja a peça fundamental na construção de uma imagem. O processo atribui diferentes valores à pintura, faz ver as camadas de raciocínio do artista, ora técnicos, outrora poéticos, simbólicos, criativos, matemáticos, e de muitos outros campos... o que seria só um objeto estético ganha seu caráter de objeto mágico. Uma espécie de janela para outra dimensão.

Faz bastante tempo que gosto de criar imagens a respeito de sensações que tenho. Em toda a criação que eu fazia sentindo algo bem intensamente, acabava passando maior expressividade à matéria em questão. Os trabalhos que passavam por um processo sensível durante a criação afetam mais pessoas e também de um modo mais intenso. Curioso, de fato, mas passei a entender isso como um fenômeno na arte.

Há um tempo atrás, eu tinha interesse em trazer como objeto de estudo “as sensações”, mas tive dificuldades em prosseguir com ela na universidade porque esta poética acabava se mostrando inconstante e de maneira ampla para tratar na pintura, porque é intuitiva, empírica e muitas vezes a criação não passava por um processo racional. Ela ainda existe como outra série de trabalhos, são as “Inundações e Transbordamentos”. Aqui nas *Preciosidades* este interesse não se mostra como tema, mas está presente como parte do meu processo, pois a afetividade que quero que esteja nas obras requer sentir, se deixar abater, deixar vir, fluir e buscar a imersão diante da pintura.

Ao me relacionar com a memória do participante, além de criar um mundo de afetos com o tema a ser pintado, também existe uma outra conexão interessante sendo estabelecida: a relação do participante com a pintura. As expectativas são criadas e o envolvimento com o trabalho se expande, já não é “só” uma imagem que está em jogo, é um novo mundo de relações que está nascendo. A esfera relacional faz com

que todo o processo aglutine o trabalho e a própria pintura vire um afeto em si, justificando a criação de seu novo “corpo”.

Vemos então que, trabalhando de maneira orgânica, tudo é ferramenta para engendrar o trabalho. As experiências e estudos já estão nele próprio, são testes, pois a pintura, por si só, é um problema a ser resolvido. E apesar de sempre levarmos ao sentido pejorativo da palavra “problema”, essa é a melhor parte do processo, pois é só a partir de problemas que podemos criar soluções. De qualquer campo irão existir casos a serem solucionados, seja do pictórico, do estético, do relacional, do simbólico... Daí que começa a ação do artista. Mãos à obra.

5. Cenas de um lugar imaginado

As memórias tornam-se *Preciosidades* quando se materializam com a pintura. Elas são como cenas de um lugar imaginado, se transformam numa janela qual podemos nos debruçar e assistir ao que acontece ali naquele mapa de memórias douradas.

Aqui irei me estender sobre a criação dessa cena em seus aspectos técnicos e poéticos relacionados à cor, ao desenho, aos materiais, à composição e aos comentários soltos nos quadros.

É interessante como em vocabulários específicos à cada ofício artístico existam palavras comuns aos diferentes campos sensíveis. Seja nas artes visuais, na música, na dança, na culinária, na poesia, etc... há um vocabulário interdisciplinar que se adapta muito bem às demandas de comunicação dessas áreas. Ritmo, composição, cromatismo, textura, tonalidade... são algumas das palavras idênticas levadas às diferentes esferas da arte, pois dizem respeito a intensidades, nuances, espacialidades e temporalidades. Tudo que existe e pode ser sentido trabalha nessas dimensões de existência com as quais podemos nos relacionar como seres humanos.

Este vocabulário em comum já nos dá pistas para entendermos que entre as diferentes artes pode haver uma relação de analogia, algo que pode ser dito por várias maneiras distintas mantendo o mesmo clima. Expressões que “casam”, rimam e se expandem quando juntas.

Chamo atenção disso com a intenção de acentuar a presença de outros campos artísticos na pintura: a musicalidade nos ritmos empregados na tela, assim como as tensões espaciais como acordes dissonantes, o gestual ao desenhar sendo um movimento dançado para marcar a superfície, a *cozinha*⁹ da pintura com seus procedimentos culinários calculados em quantidades exatas para conseguir tal mistura... e até mesmo o empastamento que gera um interesse ao toque ou mesmo à experimentação levando-o à boca.

⁹ Como artistas se referem aos procedimentos de produção de tintas, às misturas de material, entre outros. Diz respeito ao lado alquimista do pintor.

Não é à toa que acontecimentos imagéticos rimam com outros acontecimentos sonoros, espaciais e poéticos dentre as diferentes dimensões da forma como linguagem.

Como “diretora” dessas cenas preciosas a serem apresentadas, levo em consideração a sinestesia, um cruzamento de sensações. Tenho explorado o entendimento da imagem com o ato poético de fazer metáforas e analogias, assim consigo compreender melhor o que funciona e o que não funciona para o meu trabalho.

No momento em que fui produzir o primeiro quadro desta série, “Ah! Você tá filmando mesmo!” (imagem 3), parti de uma pequena tela de apenas 10x10 cm em branco. Apesar do pequeno suporte, grandes problemas já se mostravam ali acerca da composição, dos materiais a serem usados, dos contrastes a serem destacados, de como seria o caráter desse desenho, a paleta de cor e outras escolhas plástico-conceituais que eu teria de tomar no desenvolvimento das *Preciosidades*.

Meus personagens, assim como todo o cenário, são criados por uma técnica mista. Cada quadro assume variações de escolha entre os materiais: tinta de parede branca para a imprimação, spray acrílico dourado, tinta a óleo, tinta metálica, lápis de cor metálico, pastel seco metálico, purpurina, massa acrílica e fotografia costurada.



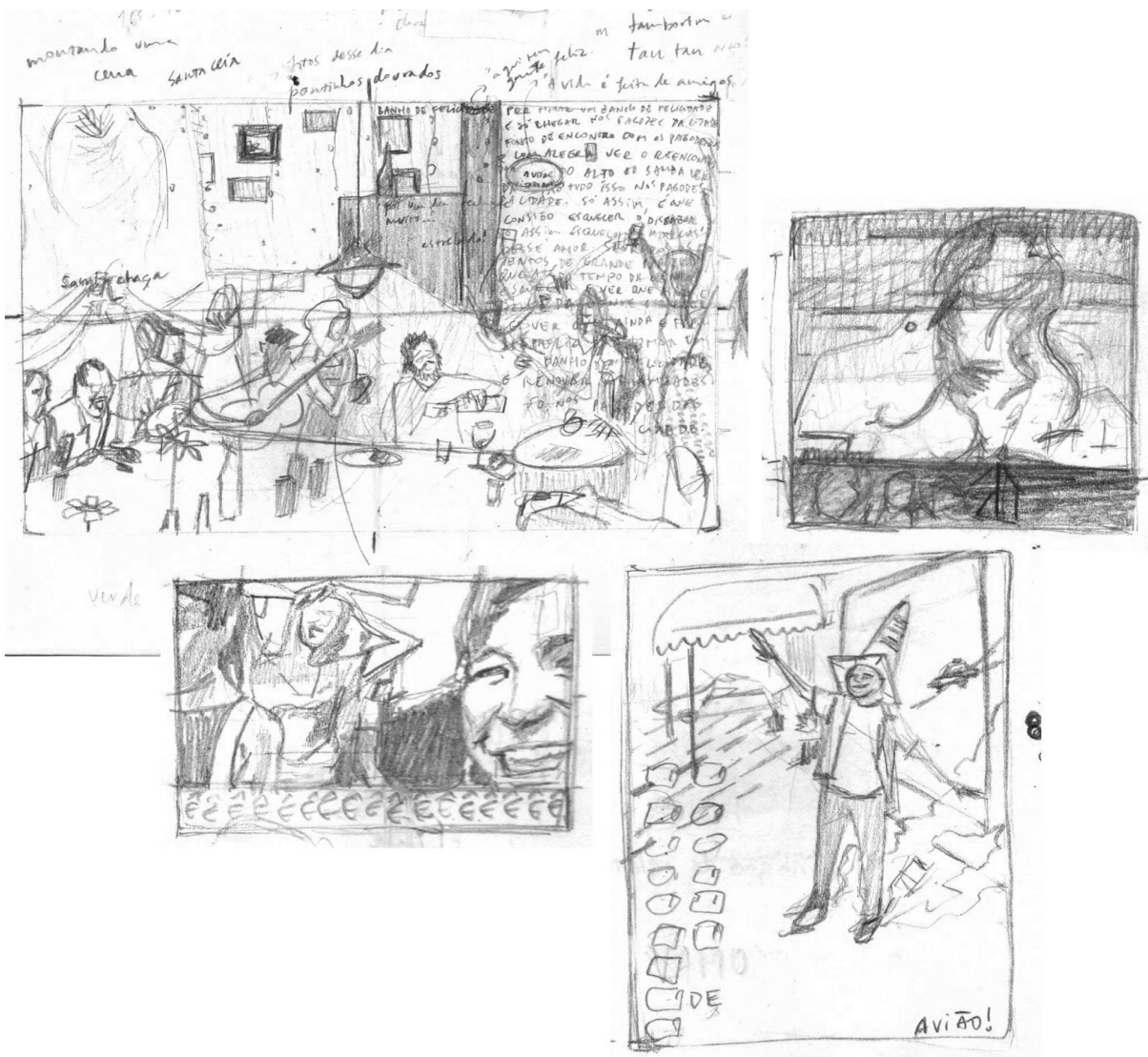
3. "Ah! Você tá filmando mesmo!" | 2019

Tinta a óleo, pastel seco, purpurina e tinta metálica sobre tela, 10 x 10 cm.

Alguns elementos não são comuns ao *metier* da pintura, como o lápis de cor, o papel fotográfico, a purpurina ou mesmo o pastel seco, trazendo uma delicadeza em meio a tantas ações mais rústicas e intensas da pintura. Eles foram utilizados como auxiliares de algumas questões. Por exemplo, resolvi fazer a marcação com o lápis de cor metálico ao invés do comumente usado carvão. O lápis de cor é um instrumento que permite desenhar um delineado colorido, com o qual já tenho uma grande afinidade e soltura na prática. Como o gesto solto era algo que eu almejava nos trabalhos, manusear o lápis me auxiliou a contagiar as pinturas com este design. Os gestos são soltos e por mais que representem pessoas e objetos, ainda se assumem bastante como linha e hachura, levando bastante do desenho dos meus esboços (imagem 4) até a finalização da pintura. Gosto do resultado que cria como tratamento de imagem, pois assume a bidimensionalidade própria do desenho. Apesar de fazer a marcação com o lápis, o opero frequentemente junto a outros elementos lineares em etapas posteriores, voltando com o recurso da linha por cima das manchas de tinta, passeando com o pensamento linear independente do tonal e do cromático.

Outro material não convencional nas minhas obras é a purpurina, que traz consigo o carnaval, a festa que se mantém no corpo por muito tempo, pois custa a sair. Vejo aí como um paralelo às memórias de festa, que não saem, que contagiam e iluminam, presentes no corpo e na alma que festeja ao se colorir e irradiar brilho.

É coerente trabalhar com a técnica mista, porque entendo o que estou fazendo como uma mistura de tradições. Dessa maneira, subjetivo o caráter, ora sagrado e outrora profano, arraigado em determinados materiais. Explico: a cultura tradicional da pintura ocidental tem a pintura à óleo como uma linguagem sagrada não só à Academia de Belas Artes, como também aos grandes salões pelo circuito de artes plásticas mundo afora. É uma técnica sacralizada que credibiliza qualquer tema pintado. Apesar disto, entro com “intrusos” deste sistema, é o caso do pastel seco, da purpurina, da fotografia costurada, do lápis metálico ou mesmo do spray, vindo da cultura urbana periférica do graffiti.



4. Mapa visual com alguns esboços de quadros

É importante ressaltar o caráter orgânico e intuitivo da pesquisa, sempre configurando novos procedimentos em prol de um trabalho mais coeso, ora incluindo elementos, ora excluindo outros. São os fatos ocasionais que nos levam a outros lugares, sendo permitido adquirir novas experiências e com isso, novas conclusões. O caso de usar spray foi uma crescente no trabalho. Comprei um spray qualquer de cor dourada pensando em fazer uma obra, mas nunca a levei adiante. Por mais que este caminho não tenha vingado, isso me levou ao fato de comprar um spray dourado, o que foi ótimo, pois ao mesmo tempo que trabalhava nessa obra que nunca vingou, eu estava pintando o quadro “Êêê!” (imagem 5) e me deparei com um “problema” visual de harmonia compositiva. Passei um tempo pensando em como romper a barreira dos dois espaços segregados no quadro: as figurações e a parte com um escrito longo “ÊÊÊÊÊÊÊ[...]”. Como já havia dito, o interessante de ter problemas é quanto se faz necessário ser criativo enfrentando-os. Em dado momento olhei ao redor analisando quais eram as possibilidades diante dos materiais que eu tinha e surgiu a ideia de quebrar essa barreira com o gesto solto e não preciso do spray (ao menos em minhas mãos, pois não tenho muita experiência com este material) e deu certo! Entrou como elemento-alegoria e harmonizou com movimento a obra. Estava finalizada.

Dentro dos fatos ocasionais também estão os encontros ocasionais que permitem dialetizar o trabalho e ir construindo novas linhas de raciocínio nas escolhas estéticas, sempre almejando que as formas e materiais casem com o conteúdo proposto.

Ainda dentro do tema “graffiti”, conversei com alguns artistas sobre o uso deste material em trabalhos de arte e descobri que seria mais interessante usar sprays da marca 94© ao invés da Colorgin©, por sua durabilidade, permanência e qualidade da cor. Soube também dos lugares para adquiri-los. No entanto, eu já havia usado a marca Colorgin© e a obra está finalizada, infelizmente o aprendizado só ficará para os próximos trabalhos...



5. "Êêê!" | 2019

Spray, tinta a óleo, lápis metálico e pastel seco sobre tela,
78 x 53,5 cm

É curioso como esta forma de trabalhar os processos artísticos se assemelha ao caminhar do *flâneur* conhecendo as cartografias de uma nova experiência.

Pintando, pensando e produzindo esta série fui dando passos mais calmos, mais presentes e conscientes. Percebi que toda a andança faz parte de um ritual, tanto do que eu já fazia ao entrar no atelier: prender o cabelo, botar o avental e arrumar o entorno para focar somente em pintar, quanto também fui notando que para tratar de temas sagrados e sensíveis era necessária uma preparação do corpo sutil, assumir estímulos para aumentar a sensibilidade ao momento a ser retratado.

Isto tem sido outro estudo, perceber como funciona o meu gatilho para frear o mundo e me concentrar fortemente num assunto. E esta parte do estudo foi caminhando por fora da instituição, pelo meu trabalho extracurricular com a música e pelo círculo de artistas que me relaciono. Ser cantora me ajudou na pesquisa por ser um ótimo campo de análise de ativação de energias e entregas num lapso temporal específico. Considero necessário ativar uma energia de caráter expansivo para me conectar mais facilmente ao show. É necessário chegar, ir arrumando os equipamentos de som, enquanto uma cerveja bem gelada acompanha o ritual. Aos poucos vamos falando com as pessoas, o público e os funcionários, até que esse corpo já está em sintonia com a energia do evento.

Andei perguntando para algumas pessoas próximas quais eram seus rituais próprios, e um dos exemplos foi o meu primo, Bruno Saggese, que é palhaço e cartunista. Perguntei a ele como era seu ritual de entrar em cena e ele me contou que é um ritual natural de botar o figurino, se maquiar e ver os companheiros de cena também entrando nos personagens. É todo um enredo que estimula e vai criando memórias no corpo vibrátil. Existe um gatilho olfativo vindo principalmente do cheiro do nariz de palhaço, bem característico do momento em cena, e também, relativo às memórias relacionadas àquela sensibilidade: toda a trajetória na palhaçaria.

Daí me dei conta que o cheiro forte das tintas, principalmente à óleo, se mostra da mesma maneira. Lembrei de como elas também fazem parte da imersão na pintura por um outro caminho que não o visual e tátil.

Ademais, pensei em um outro meio sensorial como caminho, seria uma estratégia para sensibilizar o corpo durante o processo de pintura através da música, escutando a trilha sonora sugerida pelo participante daquelas cenas que me foram relatadas. Este ritual seria a preparação principal do meu corpo-estrutura-sensível à cada quadro, de forma que pudesse potencializar a energia daqueles momentos ao trabalhar e transformar a imagem, pois os rituais são essenciais ao se tratar de momentos abençoados.

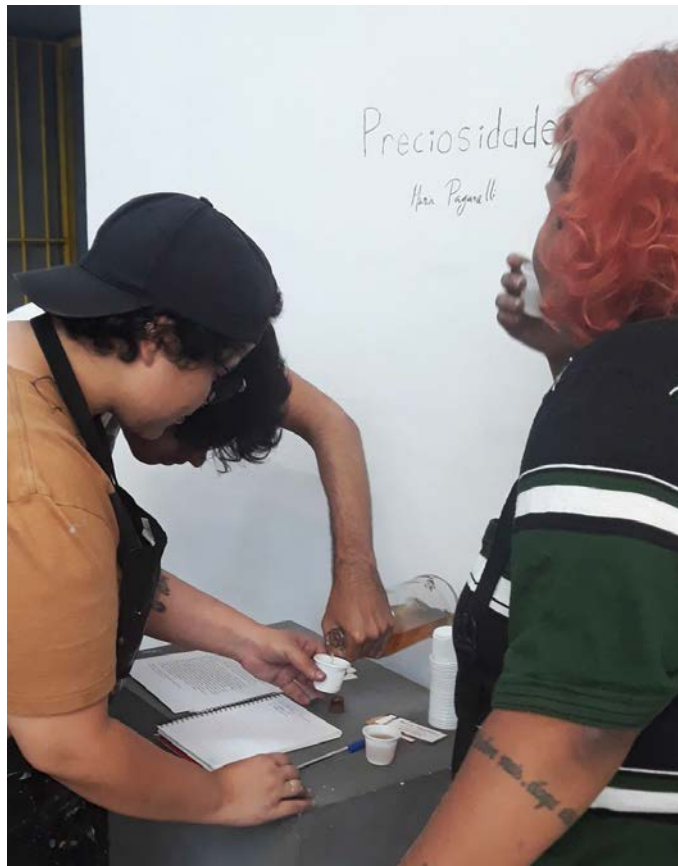
O tema de “imersão” se dá em duas esferas diferentes no trabalho, uma no mergulho às memórias alheias guiando a narrativa contida na pintura e outra durante o processo criativo e de pintura do quadro. Existe também um terceiro momento imersivo no ato de expor as obras, ainda mais pensando em uma exposição individual exigida pelo curso. Refleti sobre como as *Preciosidades* poderiam estar expostas, não só nos quadros, mas também no ambiente e no clima, através de outros figurantes da cena.

Comecei a arquitetar ideias diante das informações iniciais referentes ao local, ao público, aos dias e horários de exposição: teriam instalações? como seria a vernissage? seria interessante articular um happening/performance musical? como configurar o ambiente?

Eu queria que através dos sentidos fosse ativada uma expansão de compreensão sobre o assunto exposto, pois a reflexão sobre as obras seria mais completa através da experiência sensorial múltipla.

O exercício, então, foi lembrar de algumas memórias especiais de um recorte temporal boêmio, como eram os ambientes, quais objetos eram comuns aos lugares, o que acontecia ali, quais comidas e bebidas eram consumidas, o que se escutava, o que se fazia e qual seria a essência do que eu procurava. Só então me dei conta de que a importância estaria no encontro, isso que é sagrado, e que eu procurava propostas que abrissem o espaço para as trocas acontecerem num clima festivo.

Estas propostas foram sendo construídas com o intuito de que o público pudesse ter experiências ao se deparar com as *Preciosidades*, pois somente a experiência possibilita que algo nos aconteça ou nos toque, ela requer um gesto de interrupção a movimentação comum do ambiente (BONDÍA, 2002).



6. Registros da exposição *Preciosidades*

Diante deste cenário, acabei configurando o espaço para acolher os *flâneurs* que ali vagavam. As cenas bidimensionais dos quadros ganharam uma potência tridimensional com as cenas reais acontecendo durante a vernissage. Fiz uma instalação com garrafas delineando a parede, levei um isopor com gelo e cerveja, além de uma cachaça de boas vindas ao lado do livro de assinaturas, que eu enchia de tempos em tempos ao longo da agenda da exposição¹⁰. Isto funcionava como uma oferenda aos visitantes, um convite a adentrar naquele universo. (Imagem 6)

Durante a exposição dispus cadeiras de diferentes alturas e caixas de engradado para acomodar as pessoas e as conversas que pudessem acontecer ali na galeria, a divagar sobre as *Preciosidades*.

Trabalhar com esse tipo de happening foi exatamente o que eu queria. Seria um ato de confiança, pois a maioria das combinações foram feitas na palavra, o mesmo código de conduta do malandro. Era contar que tudo daria certo, que as pessoas preencheriam o espaço, de que os amigos ajudariam no que se propuseram e que todos os serviços antes contatados estivessem na mais perfeita harmonia.

Há uma passagem entre músicas de um show da Gal Costa com Gilberto Gil¹¹, logo depois da canção *Como dois e dois*, em que Gil comenta “Vocês tão vendo esse clima assim de... informalidade, talvez? É porque a gente tá informal!”. Daí a platéia ri, e com razão, porque é tão banal o segredo de se estar coerente com a proposta de uma ação, que a gente esquece que as coisas são simples assim.

Voltando aos materiais e modos de produção, aproveito o comentário acima sobre climas e me ater às cores, pois configuram bastante do clima dos quadros.

A paleta de cor desenvolvida passou a gerar um padrão cromático às minhas obras. Tudo começou a partir de observações dos ambientes externos na cidade do Rio de Janeiro: luzes amarelo-alaranjadas que iluminam o primeiro e segundo plano, um terceiro plano marcado pelo breu da noite com cintilações dos pontos ao longe com luzes frias e quentes de janelas distantes. Em shows, as luzes costumam trazer

¹⁰ Exposição “*Preciosidades*”, de Maria Paganelli e curadoria de Pedro Meyer. Galeria Macunaíma. Data: 04 à 13 de Dez. de 2019.

¹¹ Minuto 4’56” do vídeo da música “*Como dois e dois*”:
https://www.youtube.com/watch?v=LJWo2Rg_5gw . Show de 26 de novembro de 1971, “*Gilberto Gil e Gal Costa, Live in London*” .

cores saturadas de matizes variados ao cenário. As decisões na escolha da paleta das *Preciosidades* começaram a partir da experiência, baseadas em observações sobre o ambiente noturno com as cores específicas.

A cor dourada presente na purpurina, no spray acrílico e nas tintas metálicas entra como um meio tom disfarçado de amarelo-ocre na escala tonal dos quadros, precisando que seja acionada uma iluminação externa para destacar sua expressão cintilante. O dourado tornou-se um elemento vivo por conta disso, pois se relaciona de maneira dinâmica com o ambiente externo conforme a disposição da luz e do observador.

Além de um elemento pictórico, reconheço-o como símbolo do sagrado ou de uma jóia. Essa maneira de interpretar o dourado é compartilhada por outros artistas também, que já brincaram com o caráter precioso do dourado nas criações, seja contrapondo com um objeto temático marginalizado, como Fernando de La Rocque em sua série “Barata de Ouro”, trazendo um bicho de enorme repulsa disfarçado em um semblante repleto de signos de desejo: a cor dourada e os suportes das esculturas vivas.

Em contraste, temos o pintor austríaco Gustav Klimt, que deixa as folhas de ouro conversarem harmoniosamente com seus temas delicados expressados nas obras, dando um ar ainda mais divino e precioso às pinturas.

No começo da série eu não queria acrescentar muitos matizes saturados às pinturas, queria deixar tudo em meio tom, em cores quentes, e que circulassem bastante pelos amarelos-ocres, tons amarronzados e pretos, lembrando as cores de um período clássico, católico e tradicional, mas mesmo mantendo esse pensamento em voga, tenho visto que cada caso é um caso na hora de representar uma memória, e que a “santificação” da imagem pode se fazer de maneiras diferentes. Então, venho andando com mais liberdade nas decisões cromáticas dos quadros.

Nas obras, os contrastes cromáticos se mostram bastante pelo contraste de saturação e tonal, ou seja, por tons saturados e dessaturados, e por tons claros e escuros sendo vizinhos uns dos outros, de forma a criar acontecimentos pictóricos. Em momentos da pintura também estão os contrastes de matiz e de extensão.

Diante dos sete contrastes de Johannes Itten¹², vemos que os outros (quente-frio, complementares e o contraste simultâneo) com suas características particulares, não têm destaque nas minhas composições.

As harmonias cromáticas também estão presentes, elas são expostas principalmente por relações análogas e por, majoritariamente, relações de cores quentes.

Assim como o dourado e as cores saturadas, que propulsionam interesse, a representação figurativa também se mostra da mesma forma, o naturalismo é uma espécie de armadilha que atrai o olhar do público geral pelo trabalho fotográfico. Uma vez captada a atenção, consegue exibir a ambiguidade que é o pensamento de pintura por todo o fazer abstrato contido numa representação mimética.

Há também o elemento da escrita em minhas pinturas, que está presente como elemento compositivo da imagem. Ele traz o preenchimento de áreas, como figurantes num cenário exposto, mas também, em alguns momentos assume mais importância como se fosse o personagem principal da cena, com destaque no meio de um jogo de cores, ritmos, luz e sombra que o permeia.

Nesta análise é metonímica a ideia da escrita “ser um personagem” de vez em quando, pois são fragmentos dos relatos que coletei, permeados de emoção dos participantes das minhas obras, os reais personagens das narrativas. E, como uma fala-personagem, atinge algumas identificações por parte da platéia às ideias das palavras ali expostas.

A palavra é um elemento direto, está nas frases coloquiais soltas ao longo do episódio vivido. São personalidades, testemunhos e comentários que ativam a imaginação da cena proposta. É um rastro que funciona como pista para entender a pintura como retrato de uma cena.

É importante fazer uma nota sobre alguns objetos pictóricos comunicarem e atraírem mais do que outros ao público geral. Acredito que isto aconteça pelo grau de conexão que conseguimos estabelecer com determinadas obras, seja no âmbito temático, dos debates simbólicos que uma imagem pode representar, quanto aos aspectos estéticos e plásticos, mais percebidos e valorizados por quem já adentrou profundidades a respeito de assuntos pictóricos.

¹² Teórico da cor, Johannes Itten foi pintor, professor e escritor suíço associado à escola Bauhaus.

Nos aproximamos de culturas conhecidas, algo que já pode ser entendido de alguma maneira pela nossa consciência. Quanto mais entendemos um assunto, mais fácil se torna a possível interação, mais livre é este caminho para adentrar-se. Infelizmente a escolarização básica atual do Brasil (no mundo também) não valoriza a imagem como objeto de estudo. Ao nos formarmos no colégio ainda somos muito ignorantes quanto ao poder que tem uma imagem, seus símbolos e sua propagação. Com isso, somos fatalmente manipulados por conta da dificuldade de análise crítica sobre a ideia exposta, mesmo em imagens não artísticas como uma simples leitura de gráficos.

Além disso, a esfera racional, objetiva e utilitária das coisas é excessivamente valorizada e acaba por formar sujeitos técnicos¹³. Enquanto o campo da matéria, do manual, do subjetivo e contemplativo forma sujeitos críticos, vindos de um campo que convive com o anterior, é hiper valoroso, porém muito desvalorizado no capitalismo-ocidental.

O que quero chamar atenção no final deste capítulo é que vivemos num mundo das aparências, dos reducionismos e das opiniões. Isto configura necessário, ao invés de atacar, frear esta ação reativa e ouvir, ver, escutar, mas principalmente, se permitir sensibilizar diante do que não entendemos, mas coexiste com a gente. A partir disso, seguir com o senso crítico junto às próprias ações.

O campo da arte é um remédio às doenças da nossa sociedade.

¹³ Uma referência a Bondía que, no início do texto “Notas sobre a experiência e o saber de experiência” (2002), expõe a dicotomia entre ciência/técnica x teoria/prática. Nos escritos, ele discorre sobre o fato do primeiro par de termos formar sujeitos técnicos, enquanto o segundo, forma sujeitos críticos.

6. A saideira

E afinal, aonde chegamos depois deste longo passeio?

Chegamos a algumas conclusões. A mais considerável delas é que o percurso é muito importante, porque é ele quem trilha os destinos. E sempre chegamos a destinos coerentes com a intenção dada e com o caráter do processo estabelecido. Por isso, aqui neste trabalho dei atenção às ações, à experiência e aos modos de fazer que acredito e tenho ao meu alcance. Daí os resultados logo foram vindo, as imagens foram sendo criadas, apresentando novos caminhos também.

A pesquisa é interdisciplinar e sempre foi. Uma maçã atingiu a cabeça de Newton e a gravidade pôde tomar vida no campo teórico da sociedade. Por isso é fundamental estar sempre atento a qualquer aprendizado que possa cair do céu, sendo necessária a disponibilidade e sensibilidade para ser atingido, mudar de rumo e assumir novas falas.

Também passamos pela sensibilização do tema, mostrando que a diferença do sagrado para o profano é só uma questão de perspectiva. E continuei a contar sobre esse mundo que escolhi me ater, dos artistas que fui encontrando durante a pesquisa, das conversas fluidas e dos trabalhos já consolidados na história da arte, sólidos como uma pedra no meio do caminho (ANDRADE, 1930).

Aprendi que a pintura é um campo ampliado, é uma figura com várias facetas. Às vezes se afirma com uma frase escrita¹⁴, em outros momentos se assume como forma em campos de cor, mas é mais comumente vista em sua matéria de pigmento, aglutinante e carga se sobrepondo a algum suporte.

Neste trabalho de conclusão do curso de Pintura, entendi que foi pintura toda a escolha contida nesta série, porque são escolhas estéticas e fazem parte do percurso até a formação das obras preciosas.

No futuro, pretendo estudar livros e textos que me foram indicados, vinculados a estes assuntos com temas de antropologia, memória, arte e vida, rituais, metrópole, e mesmo sobre o próprio *flâneur*. Anseio escrever artigos que transitem sobre temas aqui ensaiados. Nos próximos passeios irei abordar mais profundamente reflexões

¹⁴ René Magritte, "Ce n'est pas une pipe" (1928).

que tive em vivências religiosas, como as de um trabalho voluntário que fiz no templo budista de Três Coroas (RS); as reflexões sobre rituais; o entendimento sobre entorpecentes deslocando a realidade; o tempo kronos e kairós; a dimensão do gesto artesanal (uma fala sobre experiências cotidianas), etc...

Continuarei pintando, cantando, compondo, mas principalmente, criando novos mundos, seja em qual segmento da arte a in(ter)venção venha. Anseio que as criações possibilitem que outras pessoas também atravessem portais, se emocionem e criem terrenos cheios de sentido.

Nas *Preciosidades*, continuam em minhas falas a importância dos encontros, a alegria como uma resiliência e não como uma ingenuidade. A micropolítica está presente consistindo em desterritorializar o lugar comum e territorializar novas áreas de pensamento, ou mesmo espaços que já existem e são aqui reforçados. Afinal, nada é original, tudo é reinventado em grandes e pequenas releituras.

A porta está aberta, ela é a passagem de uma realidade para outra, uma solução de continuidade do espaço. Ofereço uma visita a estes mundos, grandes sincretismos de minhas crenças.

Mas por aqui já estamos fechando o encontro. Já é tarde e chegamos na saideira dessa conversa toda.

Até breve.

7. Referências

BARROS, Manoel de. **Tratado geral das grandezas do ínfimo**. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, [2001];

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Rev. Bras. Educ. n.19, pp.20-28, [2002];

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. 1 ed. São Paulo: Martins Fontes, [1992];

FOSTER, Hal. **O artista como etnógrafo**. In: The return of the real: the avant-garde at the end of the century. Londres: The MIT Press, [1996];

ITTEN, Johannes. **El arte del color**. Paris: Bouret, [196-?];

PINHEIRO, Luizan. **Anarcometodologia**. 1 ed. Belém: UFPA, [2016];

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**. 2 ed. São Paulo: 34, [2005];

RILKE, Rainer Maria. **Cartas a um jovem poeta**. 16 ed. Rio de Janeiro: Globo, [1989];

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**. 2 ed. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, [2016];

VINCI, Leonardo da. **Trattato della pittura**. Roma: [s.n.], [1817].

Internet:

A FESTA Em Homenagem a Baco e Dionísio. In: Jafet Numística, São Paulo. Disponível em: <<https://jafetnumismatica.com.br/festa-em-homenagem-baco-carnaval/>>. Acesso em: 13 de Fev. 2020.

CONCEITOS, Editorial. BOÊMIO. In: Conceitos Brasil, 23/06/2016. São Paulo. Disponível em: <<https://conceitos.com/boemio/>>. Acesso em: Abr. 2019.

ÉTER. In: Website de Anna Costa e Silva. [S.I.]. Disponível em: <<http://www.annacostaesilva.com/Eter>>. Acesso em: 10/03/2020.

FERNANDO de La Rocque é especialista em baratas. In: Programa do Jô, Globoplay. São Paulo, exibido em 12 de Ago. 2010. Disponível em:

<<https://globoplay.globo.com/v/1317971/>>. Acesso em: 12 de Fev. 2020.

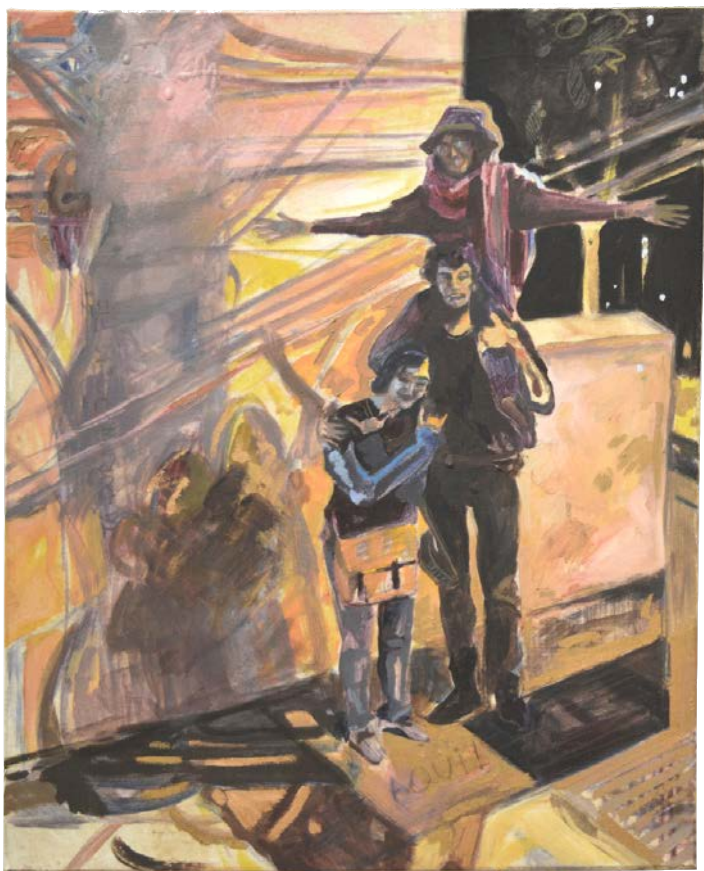
FLÂNEUR. In: Wikipédia, 17 de Jan. 2017. [S.l.]. Disponível em:
<<https://pt.wikipedia.org/wiki/Fl%C3%A2neur>>. Acesso em: 09 de Mar. 2020.

GILBERTO GIL e Gal Costa - "Como Dois E Dois" - Live in London. In: Gilberto Gil, Youtube, 07 de Fev. 2017. [S.l.]. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=DKizcWrgAvU>>. Acesso em: 14 de Fev. 2020.

PASCHOLATI, Aline. OBRA DE ARTE DA SEMANA: Performance "Ritmo 0" de Marina Abramović. In: ARTRIANON, 10 de Out. 2017. [S.l.]. Disponível em:
<<https://artrianon.com/2017/10/10/obra-de-arte-da-semana-performance-ritmo-0-de-marina-abramovic/>>. Acesso em: Dez. 2019.
ISBN: 3478/1114

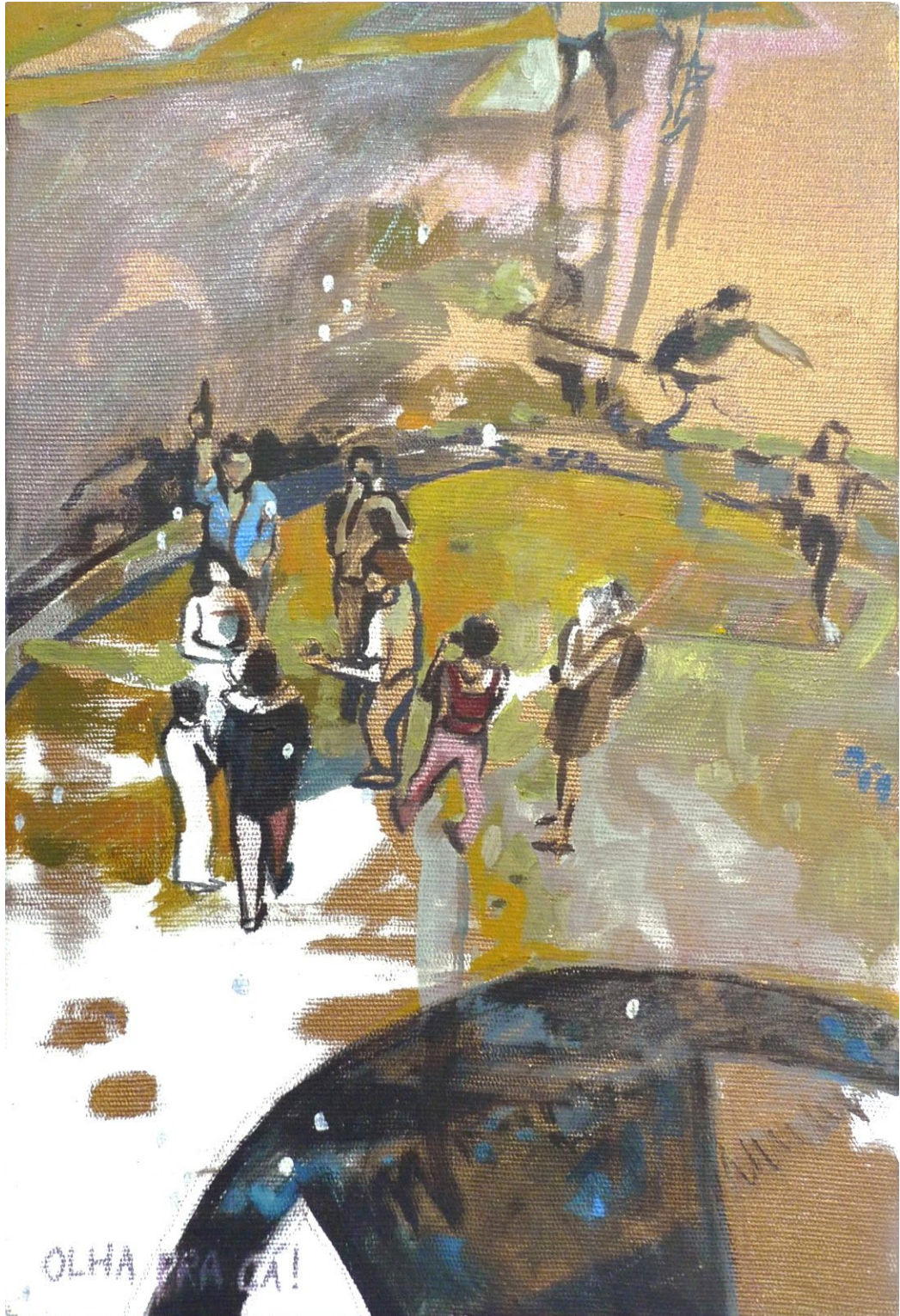
ROCINHA tem a primeira Igreja do Reino da Arte. In: Trip TV, Youtube. Rio de Janeiro, 26 de Jul. 2018. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=XIMMb7ghCbQ>>. Acesso em: 4 de Fev. 2020.

8. Anexo A



“Sobe aqui!” | 2019

Díptico. Tinta a óleo, lápis metálico e pastel seco sobre tela, à esq. 40 x 50 cm, à dir. 24 x 19 cm.



“Olha pra cá! 1” | 2019
Tinta a óleo, lápis metálico e pastel seco sobre tela, 20 x 30 cm.



“Olha pra cá! 2” | 2019
Tinta a óleo, lápis metálico e pastel seco sobre tela, 20 x 30 cm.



“Raralaralôra” | 2019

Tríptico. Massa acrílica, spray, purpurina, tinta a óleo, lápis metálico e pastel seco sobre tela, três quadros de 33 x 24 cm.



“Sambachaça” | 2019

Spray, tinta a óleo, fotografia costurada, lápis metálico e pastel seco sobre tela, 165 x 100 cm.



“Queremus” | 2019

Spray, tinta a óleo, lápis metálico e pastel seco sobre tela, 50 x 50 cm



“Vamo de avião!” | 2019
Spray, tinta a óleo, lápis metálico, pastel seco e purpurina sobre tela, 80 x 60 cm.

Anexo B



Exposição

Preciosidades

Maria Paganelli

Curadoria: Pedro Meyer
4 à 13 de dezembro de 2019 | Abertura às 13hrs
Galeria Macunaíma

Av. Pedro Calmon, 500 | Cidade Universitária | Rio de Janeiro - RJ

eba ESCOLA DE
BELAS ARTES
Universidade Federal do Rio de Janeiro



Dois relatos preciosos

Foi uma jornada intensa remar as canoas com todo o cauim. Passar a arrebenção não era o mais difícil. Na metade do caminho, quando havia ondas grandes, era quase a morte. Não tive medo, porque seria um desígnio de Jaci.

No alto das Ilhas Cagarras, tomamos cauim durante três luas e fizemos sinais de fogo para as praias. A mistura era amarga e forte. Durante esse período, o jejum só foi interrompido por alguns pedaços de mandioca cozida e frutas. A alucinação é goitacá no conhecido, mondó do mundo. Seu brilho deixou a luz cheia de Jaci ainda mais forte e fez combinar as faíscas do fogo na terra com as estrelas do céu. Compartilhamos uma euforia mediada por nós mesmas. Explorar essa intensidade juntas nos tornou parte da mesma família. Durante esses rituais nascíamos novamente: a gûyrá tornava-se abá e voávamos sobre o mar, sentindo cheiros salobros.

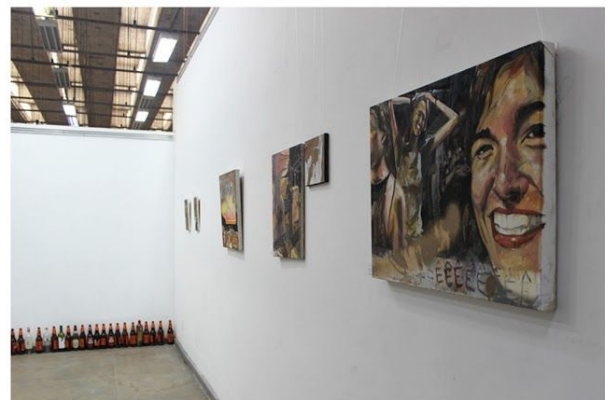
Maiara, Rio de Janeiro, 1119

Os Arcos da Lapa pareceram mais sólidos e perenes do que jamais haviam sido. As casas que aproveitavam seus vãos como apoio e proteção pareciam teias frágeis, fáceis de limpar. A Lapa lembrava pinturas do purgatório, de orgias gregas, habitadas por personagens vestidos com as modas de Paris e roupas de serviço. Corpos dançantes se desnudavam em partes e músicas de tambor aqueciam uma atmosfera úmida.

Sentei na frente do armazém. O espaço tentava ser um cabaré francês, mas era melhor do que isso. Havia encontros exóticos, resultados da fúria dos povos, da sociedade marcada por uma desigualdade atroz. Os seus soluços de comunhão pareciam antever algo novo. Eu sabia disso como certeza interior, mas nunca elaborei um sentido concreto para as vidas das pessoas que observava. Gostava apenas de desenhar suas faces, jeitos, conversas, movimentos, loucuras. Aquela noite desenhei e bebi cachaça até o amanhecer. Traços e tentativas foram sendo sobrepostos, justapostos nas superfícies de papéis e lonas, em que também escrevi anotações registrando falas encantadas. Usei pastel seco, carvão e tintas óleo em tubos de estanho. Mesmo essa variedade de materiais parecia insuficiente – eu queria grudar substâncias da vida no quadro. Seria esse um sonho impossível? Lembrei dos artistas franceses de que ouvi falar, seres da noite como eu. Olho para esses mosaicos de figuras, textos e manchas de cor. Sigo riscando as imagens com fragmentos de lembranças e sensações das histórias.

Luiz Lautrec L, Rio de Janeiro, 1919

Texto para a exposição "Preciosidades" de Maria Paganelli
Pedro Meyer, Rio de Janeiro, 2019



Registros da exposição *Preciosidades*.